

Bomba atômica

Hiroshima: 61 anos depois

Enviada Especial/Hiroshima
ROSANE DE OLIVEIRA *

O triciclo que Shinichi Tetsutani, três anos e 11 meses, pedalava na manhã de 6 de agosto de 1945 é um esqueleto de metal semiderretido, testemunha dos estragos provocados pela bomba atômica que arrasou Hiroshima há 61 anos. Está no Museu Memorial da Paz, junto com dezenas de peças que ilustram um dos capítulos mais trágicos da História.

Hoje, Hiroshima é um símbolo da capacidade de reconstrução dos japoneses. Com mais de 1 milhão de habitantes, é uma cidade moderna, com edifícios altos, largas avenidas e parques bem-cuidados. O comércio e o setor de serviços prosperaram, transformando-a em uma das cidades mais ricas do Japão.

No museu dos horrores da II Guerra, visitado por 1,2 milhão de pessoas no ano passado, parte das mais de 140 mil vítimas da bomba deixa de ser uma estatística. Na mesma ala do triciclo de Shinichi, que brincava no raio de três quilômetros no qual ninguém sobreviveu, está o vestidinho de Chimiko Egi, 20 meses, atingida na estação ferroviária, enquanto esperava o trem com a mãe, Matsuko. Ao lado, o uniforme rasgado de Toshiaki Asahi, estudante do 1º ano do Ensino Médio. Na parede oposta, o uniforme queimado de Kyusaku Oda, 46 anos, que trabalhava na construção de uma ferrovia.

* Rosane de Oliveira viajou a Hiroshima a convite da Fundação Japão



Com mais de 1 milhão de habitantes, Hiroshima é hoje uma das cidades japonesas mais ricas, com largas avenidas, edifícios altos e parques bem-cuidados

Mancha negra

Uma das imagens mais impressionantes de Hiroshima é uma mancha negra na pedra da escada do que foi uma agência do Banco Sumitomo.

A mancha seria o que restou de uma mulher que estava sentada esperando o banco abrir as portas e se desintegrou quando a bomba explodiu, 600 metros acima. O Sumitomo ficava a 260 metros do epicentro da bomba, um hospital do qual hoje só existem fotos.

Registro histórico

Um dos poucos registros fotográficos de como as pessoas ficaram logo depois da explosão está exposto no museu, registrado por Yoshito Matsushiga, falecido há dois anos.

Em depoimento gravado para o museu, o fotógrafo contou que não conseguia acionar a máquina fotográfica, tal era o choque com o estado das vítimas. A foto mostra pessoas perdendo pedaços da pele das mãos, com as roupas semi-destruídas e o corpo em carne-viva.

Antes e depois da tragédia

A ala dos objetos e fotos que mostram os estragos provocados pela bomba é a mais chocante do museu. Logo na entrada, o visitante é apresentado às fotos de Hiroshima de antes da bomba – uma cidade acadêmica, na qual viviam mais de 350 mil pessoas em 1945. Foi um “Y” do delta que facilitou ao piloto do B-29 Enola Gay identificar o local escolhido para soltar a bomba.

Na parede oposta à porta de entrada está um relógio encontrado a dois quilômetros do epicentro, com os ponteiros grudados na hora em que a bomba explodiu: 8h15min.

Uma foto aérea tirada pelos americanos mostra uma cidade arrasada pela bomba e pelos incêndios que se seguiram à exploração, junto com uma maquete de como era Hiroshima antes da guerra.

A foto dá uma idéia da extensão dos estragos. Da área central, com 700 casas e sete edifícios, nada restou.

Símbolo da Bomba A

Passados 61 anos, resta como símbolo da destruição apenas um dos edifícios existentes na área central de Hiroshima em 1945: é a Cúpula da Bomba A (foto abaixo), esqueleto do edifício da antiga Galeria de Promoção Industrial da Província de Hiroshima.

Assim como os alemães preser-

varam em Berlim uma igreja da II Guerra, o Japão manteve as ruínas do edifício como lembrança indesejável do bombardeio. Hoje, é Patrimônio Mundial da Unesco e um dos pontos mais fotografados da cidade que entrou para a história como a primeira vítima da bomba atômica.

